

Igreja e ciência

Portugal nasceu na Idade Média, num caldo de cultura católico. Uma das maiores criações da Idade Média – a universidade – teve a Igreja na sua gênese.

A universidade portuguesa foi fundada em 1 de março de 1290, com a assinatura, pelo Rei D. Dinis, do documento *Scientia Thesaurus Mirabilis*, que foi confirmado por bula do Papa Nicolau IV, na sequência do pedido de criação de um *studium generalis* feito ao Sumo Pontífice, em 1288, por um grupo de clérigos. A universidade passou de Lisboa para Coimbra em 1308, tendo alternado entre as duas cidades até, em 1537, ter sido transferida definitivamente para Coimbra, por ordem de D. João III. A Universidade de Coimbra é a mais antiga universidade nacional e uma das mais antigas do mundo: é a 10.^a mais antiga das escolas em funcionamento ininterrupto. Desde a sua fundação até à instauração da república, em 1910, foi íntima a relação entre esta Universidade e a Igreja, uma relação de que hoje é símbolo a celebração do dia da padroeira, a Imaculada Conceição.

O cientista português mais destacado dos tempos medievais foi Pedro Hispano (c. 1215-1277), que, sob o nome de João XXI, foi Papa durante alguns meses, até à sua morte inesperada no palácio de Viterbo. Pedro Hispano, o único Papa português, estudou na Universidade de Paris, onde teve como mestre S.^o Alberto Magno e como discípulos S. Tomás de Aquino e S. Boaventura. Embora persistam dúvidas sobre a autoria dos numerosos manuscritos que lhe são atribuídos, era decerto profundo conhecedor da filosofia e da medicina coevas. As obras mais relevantes que lhe são atribuídas são *Summulae Logicales*, tratado de lógica aristotélica, e *Thesaurus Pauperum*, um tratado médico.

A ciência em Portugal conheceu o seu período áureo no tempo dos Descobrimientos, nos sécs. xv e xvi, quando os Portugueses revelaram ao mundo novas terras, novas espécies, novas gentes e novas culturas. Exemplo dessas novidades foi o rinoceronte oferecido ao Papa pelo Rei D. Manuel I em 1515. Se os Descobrimientos se deveram a um complexo de razões (político-económicas e religiosas), não há dúvida de que a curiosidade – a mola propulsora da ciência – acompanhou sempre os navegadores que alcançaram paragens remotas de África, da América e da Ásia. A frase de um deles, Duarte Pacheco Pereira – «a experiência é a madre das coisas, por ela sabemos radicalmente a verdade» (*Esmeraldo de Situ Orbis*) –, resume a atitude dos lusitanos que antecipou a Revolução Científica. Aquele que foi talvez o maior cientista nacional de sempre, o matemático Pedro Nunes, afirmou nessa altura que as viagens marítimas não se fizeram ao acaso, mas com ciência.

Nunes, professor na Universidade de Coimbra, foi um cristão-novo num tempo dominado pela Inquisição, estabelecida em Portugal em 1536. O ocultamento da sua condição permitiu que não fosse incomodado. Mas o mesmo já não aconteceu com o seu colega García da Orta, médico que partiu para a Índia em 1534, autor de *Colóquio dos Simples*, uma obra pioneira sobre plantas orientais, que foi alvo de um auto de fé *post-mortem*, em Goa, por ter entretanto sido descoberta a sua origem judaica. Com efeito, a Inquisição não ajudou ao desenvolvimento da ciência; só para dar um exemplo, Amato Lusitano, notável médico contemporâneo de Nunes e de Orta, judeu como eles, teve de se exilar: andou pelos Países Baixos, por Itália (onde assistiu o Papa Júlio III), pela Croácia e pela Grécia.

Apesar disto, a Igreja estava muito próxima da ciência, facto que é ilustrado pela circunstância de a bula do Papa Gregório XIII, que promulgou em 1582 um novo calendário, tão bem fundado astronômicamente que ainda hoje vigora, ter sido imediatamente seguida em Portugal, Espanha, Itália e na Polónia. Esse calendário tinha sido preparado por uma comissão de sábios, encabeçada pelo Jesuíta alemão Christophoro Clavius (1538-1612), que estudou em Coimbra antes de fundar a famosa escola matemática do Colégio Romano (Clavius não chegou a ser aluno de Nunes, mas ajudou à difusão das suas obras).

Os Jesuítas, surgidos em 1534, usaram Portugal como rampa de lançamento para a evangelização que dinamizaram em paragens remotas. Do grupo inicial de S.^o Inácio de Loyola faziam parte o basco S. Francisco Xavier, que andou pela Índia, o Japão e a China, e o Português Simão Rodrigues, que ajudou a fundar dois dos mais antigos colégios jesuítas do mundo, o Colégio de Jesus, em Coimbra, e o Colégio de S.^o Antão, em Lisboa, em 1542.

Os Conimbricenses, comentários à filosofia de Aristóteles, publicados em Coimbra entre 1592 e 1606, ganharam justa fama na rede mundial dos Jesuítas. Uma das escolas científicas de maior nomeada dessa época foi a Aula da Esfera, que funcionou em Lisboa entre 1590 e 1759 e onde pontificaram discípulos de Clavius. Talvez o papel mais importante desempenhado por Portugal na história mundial da ciência tenha sido protagonizado por missionários jesuítas, portugueses e estrangeiros que passavam por Portugal, ao concretizarem o diálogo de civilizações, *e.g.*, os Italianos Christophoro Borri (1583-1632), que rumou ao Vietname, e Matteo Ricci (1552-1610), que rumou à China, onde se tornou figura maior da evangelização. Ricci cultivou um encontro intercultural através da ciência, tendo traduzido para mandarim os *Elementos* de Euclides. Os telescópios chegaram à China e ao Japão





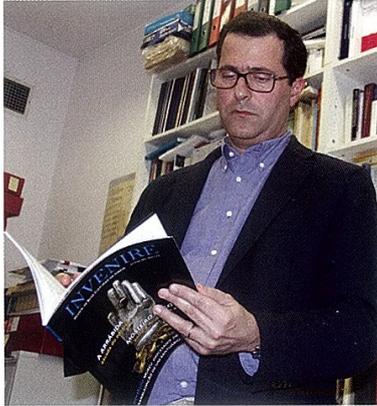
Vista panorâmica da Sé Nova de Coimbra, antigo Colégio dos Jesuítas.⁽²⁾

graças aos missionários, escassos anos após o seu uso por Galileu em 1609. E o primeiro hospital ocidental no Japão (1556) foi fundado pelo Jesuíta Luís de Almeida (1525-1583). Portanto, a Revolução Científica chegou ao Oriente vinda de Lisboa pela mão da Igreja. Nessa primeira globalização, a recolha de dados científicos por Jesuítas e outros missionários representou decerto um enorme avanço no conhecimento do mundo.

Em 1709, o padre brasileiro Bartolomeu de Gusmão (1685-1724), estudante da Universidade de Coimbra, pediu ao Rei D. João V os direitos de utilização de um novo instrumento para voar, tendo demonstrado perante a corte um pequeno balão de ar quente. A essa experiência, pioneira da aviação, assistiu o nuncio em Lisboa, que viria a tornar-se Papa sob o nome de Inocêncio XIII. O Monarca, que era amigo da ciência, chamou para dirigir o observatório astronómico que criou no paço do Jesuíta italiano João Baptista Carbone (1694-1750). A ação dos Jesuítas prosseguiu no séc. XVIII em Lisboa, Coimbra e Évora, sendo o autor mais moderno o P.^o Inácio Monteiro (1724-1812), que haveria de se exi-

lar em Itália com a expulsão da Ordem pelo marquês de Pombal em 1759. A expulsão dos Jesuítas, ordenada pelo marquês poucos anos após a sua chegada ao poder em 1755, o ano do grande terramoto, pôs fim, com a ajuda de uma poderosa máquina de propaganda, a uma meritória ação em prol da ciência tanto na metrópole como no ultramar. A reforma pombalina da Universidade de Coimbra, realizada em 1772, fez-se contra o jesuitismo, apesar de Pombal ter tido vários clérigos como conselheiros, incluindo um ex-Jesuíta – o matemático P.^o José Monteiro da Rocha (1734-1819). É hoje, em geral, reconhecido que a educação e a ciência nacionais foram muito afetadas pelo desmantelamento da vasta rede de colégios jesuítas.

No período joanino, ganhou proeminência a Ordem dos Oratorianos, donde emergiram alguns dos maiores cientistas lusos do séc. XVIII, que, tal como os Jesuítas, foram perseguidos; merecem destaque o P.^o João Chevalier (1722-1801), que chegou a presidir à Real Academia de Ciências de Bruxelas, e o P.^o Teodoro de Almeida (1722-1804), que encontrou acolhimento em Espanha e França, onde preparou alguns dos 10 volumes da sua *Recreação*



Henrique Leitão, historiador de ciência e professor universitário.⁽³⁾

Philosophica, a primeira obra de divulgação científica em português. No Colégio dos Oratorianos em Lisboa existia um gabinete onde se faziam demonstrações da ciência newtoniana. Em 1779, já na era pós-pombalina, foi criada a Academia das Ciências de Lisboa. O seu primeiro secretário foi o abade José Correia da Serra (1750-1823), naturalista com um percurso internacional.

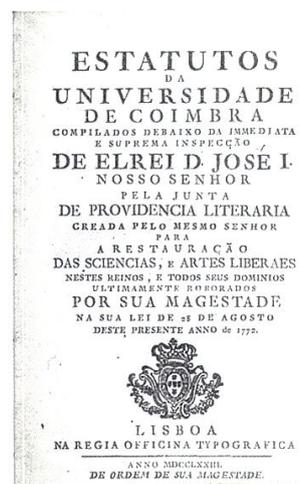
No séc. XIX, em Portugal tal como no mundo, assistiu-se a um processo crescente de laicização, influenciado pelo positivismo e pelo darwinismo, tendo surgido polémicas entre religião e ciência. A mais famosa ocorreu entre o médico republicano Miguel Bombarda e o Jesuíta Manuel Fernandes Santana (1864-1910) (a Companhia de Jesus tinha sido restaurada em 1814). A Primeira República perseguiu os Jesuítas, que continuavam a distinguir-se na ciência. Um dos cientistas portugueses de maior renome do séc. XX, António Egas Moniz (1874-1955), prémio Nobel da Medicina e Fisiologia em 1949, estudou no Colégio jesuíta de S. Fiel e ajudou, como político, ao restabelecimento das relações entre Portugal e a Santa Sé. Não era crente, mas houve nessa época, como em todas as épocas, cientistas crentes, *e.g.* António Ferreira da Silva, professor de Química da Universidade do Porto, autor de *Ciência e Crenças*. Merecem referência no virar do século dois padres do Norte ligados à ciência: um inventor, Manuel António Gomes (1868-1933), por alcunha «Padre Himalaia», devido à sua elevada estatura, e um divulgador da ciência, Amadeu de Vasconcelos (1878-1952).

O P.^o Manuel Gonçalves Cerejeira, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra na Primeira República, que haveria de ser cardeal-patriarca de Lisboa, escreveu em 1924 o livro *A Igreja e o Pensamento Contemporâneo*, uma análise da ciência, que suscitou polémica. O Estado Novo, regime que vigorou entre 1933 e 1974, não foi muito favorável à ciência. Só após a Revolução de 1974 esta cresceu em Portugal de uma forma notória. Entre os sacerdotes que foram cientistas na contemporaneidade, são de realçar o Jesuíta Luís Archer (1926-2011), introdutor da moderna genética em Portugal e diretor da *Brotéria*, revista fundada em 1902 que foi difusora de ciência, e o P.^o João Resina (1930-2010), professor de Física no Instituto Superior Técnico em Lisboa.

Talvez o papel mais importante desempenhado por Portugal na história mundial da ciência tenha sido protagonizado por missionários jesuítas, portugueses e estrangeiros que passavam por Portugal, ao concretizarem o diálogo de civilizações.

Em 2010, Bento XVI reuniu em Lisboa com cultivadores das ciências e das artes, num gesto que denota a coexistência pacífica entre religião e ciência. Prossequindo propósitos distintos, e reconhecidas hoje como anacrónicas as disputas entre ciência e religião, a ciência e a Igreja convivem em Portugal em interação e diálogo. Como afirmou D. Manuel Clemente, o atual cardeal-patriarca de Lisboa, em 2009, na Universidade do Porto: «Como importante será compreendermos como religião e ciência se tornam complementares e interativas na melhor definição recíproca. Como geralmente acontece, o crescimento delas realiza-se como autêntica “crise de crescimento”: a afirmação da mentalidade científica exigiu a redefinição da esfera religiosa; e a persistência da religião, em sucessivas decantações, situou a ciência no seu campo específico, tanto em termos de método e objeto como em lúcida autolimitação, para poder prosseguir com segurança e acerto» (CLEMENTE, 2010).

Carlos Fiolhais



Frontispício dos Estatutos da Universidade de Coimbra, reformada pelo marquês de Pombal.⁽⁴⁾